

Armando Senra Martins

Universidade de Évora

Cidades na *História da Áustria* de Enea Silvio Piccolomini

Quem lê as cartas de Petrarca sobre a sua viagem pela França e pela Alemanha¹ fica surpreendido com o carácter ora negativo ora estenográfico dos apontamentos sobre cada uma das cidades: a respeito de Paris, por exemplo, diz que pôde conferir a fama com a realidade que observou (sem, contudo, especificar um monumento ou uma rua que fosse...). Claro que, para Petrarca, a viagem é uma fuga do seu mundo interior ou um percurso pela literatura antiga – aspectos que podem ser comprovados pela carta sobre a subida ao Monte Ventoso. Petrarca não se achava autorizado a sair desses dois mundos.

No século seguinte, porém, Enea Silvio Piccolomini alargou a expressão literária da cidade e, em particular, da cidade estrangeira, feita por descrições ou elogios quer autónomos quer inseridos em obras mais vastas de cariz historiográfico.

A obra a analisar neste artigo, a *História da Áustria*, foi escrita na década de 50 do séc. XV. Ao longo das três redacções por que passou – entre o final de 1453 e os anos subsequentes ao regresso definitivo do autor a Itália (Maio de 1455), ainda antes da sua eleição como Papa Pio II (1458-1464) –, o carácter da obra foi-se alterando até se tornar, na última redacção, um exemplo do que a tradição historiográfica alemã denomina *Landesgeschichte*.² Por outras palavras, o autor pretendeu

¹ Petrarca, *Familiars*, I, 4 e 5, de acordo com a edição: *Lettres familières. Tome I, Livres I-III* (Paris: les Belles lettres, 2002).

² Sobre o assunto ver a introdução de Martin Wagendorfer à sua edição: Enea Silvio Piccolomini, *Historia Austriacis: Teil 2: 2. und 3. Redaktion*, herausgegeben von Martin Wagendorfer (Hannover: Hahnsche Buchhandlung, 2009) pp. XVII-XXI. O texto seguido, excepto referência em contrário, será o da terceira redacção. Note-se

escrever uma *História da Áustria*, desde os tempos mais remotos até ao presente, segundo uma metodologia que articulava história e geografia.³ Como consequência dessa configuração da obra o narrador apresenta-se como um historiador/geógrafo que ora cauciona a sua autoridade com a referência a Estrabão e Ptolemeu ora adianta hipóteses, conclusões, observações e dados geográficos, ou desmente antigas opiniões – dir-se-ia que a obra pretende ser “científica.”⁴

As descrições de cidades, devedoras embora de uma antiga tradição literária, inserem-se nesse esforço de reconhecimento de realidades culturais, geográficas, históricas contemporâneas.⁵ Contudo, eis o que pretendo demonstrar, a tonalidade científica da obra historiográfica não impede que tais descrições sejam feitas com interferência autobiográfica ou que sejam enriquecidas ficcionalmente. Os textos a analisar serão a

que esta obra também é conhecida, embora erroneamente, pelo título de *Historia Friderici III*. Com esse título foi impressa pela primeira vez no séc. XVII: *Historia rerum Friderici tertii imperatoris* [...], Argentorati, J. Staedelii et J. F. Spoor, 1685.

³ Sobre o conceito ver Rolando Montecalvo, “The new landsgeschichte: Aeneas Sylvius Piccolomini on Austria and Bohemia,” in Zweder von Martels e Arjo Vanderjagt (eds.), *Pius II. “el più expeditivo Pontifice:” selected studies on Aeneas Silvius Piccolomini, 1405-1464* (Leiden: Brill, 2003), pp. 57-58. Note-se que “região” se entende no sentido do termo alemão *Land*. Ver também introdução de Martin Wagendorfer a Piccolomini, *Historia Austriacalis*, p. XXIII). Ainda a respeito dos pressupostos da escrita da *Historia Austriacalis*, Gianni Zippel, “Enea Silvio Piccolomini e il mondo germanico: impegno cristiano e civile dell’umanesimo” (*La cultura*, 19, 1981, p. 327) afirma que o facto de ter tido três redacções mostra o compromisso com a realidade histórica. Note-se, aliás, que a obra assenta na afirmação inicial do valor cívico e político da história. Esse valor, como nota Zippel, não é estranho às asserções no mesmo sentido do Bruni das *Historiae Florentini populi* ou mesmo do Valla dos *Gesta Ferdinandi regis Aragonum* (cf. *ibidem*, p. 329). No entanto, aspecto que Zippel descarta, esse valor cívico ou político não prevalece nas descrições de cidades, como veremos.

⁴ Cf. *Historia Austriacalis*, I, pp. 245 ss (para o uso de Ptolemeu e de outros historiadores como Otão de Frisinga, Júlio César...).

⁵ A bibliografia sobre os elogios de cidades é vasta. Remeto para dois títulos apenas: Laurent Pernot, *La rhétorique de l’éloge dans le monde gréco-romain* (Paris: Institut d’Études Augustiniennes, 1993); Carl Joachim Classen, *Die Stadt im Spiegel der Descriptiones und Laudes urbium in der antiken und mittelalterlichen Literatur bis zum Ende des zwölften Jahrhunderts* (Hildesheim: Georg Olms, 1986).

descrição de Viena e a descrição das cidades italianas constantes do itinerário da viagem de coroação a Roma de Frederico III.

A descrição da cidade de Viena insere-se na apresentação inicial da Áustria na sua realidade histórica e geográfica do séc. XV. A cidade além de ser a mais rica, a mais populosa e a mais antiga, é também a capital e, por isso, o autor concede-lhe um estatuto representativo, ou seja, o estatuto de *amostra da identidade austríaca*.

Reconhecem-se no texto os tópicos tradicionais de um elogio de cidade repartido em quatro secções: a primeira considera o sítio e as muralhas; a segunda, as casas dos cidadãos; a terceira, os edifícios religiosos e também a instituição universitária; a quarta, partindo do número de habitantes e dos magistrados, concentra-se, depois, no elenco de vícios da cidade.⁶ Todavia, essa articulação em tópicos afecta a *dispositio* e não deve desviar a nossa atenção da co-existência de dois dispositivos retóricos distintos, embora contaminantes: o do historiador e geógrafo, por um lado; o do letrado, por outro, nas suas várias dimensões, nomeadamente, de conhecedor da tradição da *laus urbis*, de humanista versado na tradição literária clássica e, por último, de autobiografista.

Começemos pela vertente do historiador e geógrafo. O início da descrição trata do nome da cidade e, o assunto não podia ser mais oportuno para aventar a perícia filológica, histórica, paleográfica e

⁶ Adopto, em traços gerais, a proposta de Richard Müller, “Wiens höfisches und bürgerliches Leben im ausgehenden Mittelalter,” in Heinrich Zimmermann *et al.*, *Geschichte der Stadt Wien* (Wien: Holzhausen, 1907), vol. 3/2, pp. 626-757. Contudo, essa divisão pode reduzir-se a dois aspectos, uma secção centrada na *urbs* como espaço edificado, seguida de uma secção de teor ideológico que considera a *civitas*: cf. Isabella Nuovo, *Esperienze di viaggio e memoria geografica tra Quattro e Cinquecento* (Bari: Università degli Studi di Bari, Gius. Laterza & Figli, 2003), p. 102. Note-se, no entanto, que tanto Nuovo como Müller seguem textos muito diferentes do texto crítico aqui usado – facto tanto mais relevante quanto se trata de uma obra com três redacções. Além disso, uma análise dos tópicos presentes nunca pode descurar o facto de a *dispositio* não ser rigidamente compartimentada; a título de exemplo, o sítio será de novo retomado depois da secção sobre a arquitectura particular e em perspectiva mais ampla: *Urbs quamvis in plano sita Danubio ad septentrionalem partem alluatur, in eminenti tamen colle iacet, ex quo prospectus amenissimus et ad Morauiam et ad Hungariam latissimus emetitur campos* (Piccolomini, *Historia Austriacalis*, p. 261).

geográfica de Piccolomini. Desde os velhos documentos medievais compulsados, a Júlio César, passando por Otão de Frisinga, Ptolemeu, sem esquecer a alusão a um contemporâneo (não citado) Thomas Ebendorfer, a bibliografia de Piccolomini é sólida e impressionante.⁷

Mas a perícia científica do autor não se alimenta apenas de bibliografia. Há, com efeito, uma competência própria do autor para a leitura das várias dimensões da cidade expressa em observações, apresentação de dados, juízos. Essa competência, no que diz respeito à parte arquitectónica, fica, por vezes, limitada a termos estéticos consagrados nestes elogios, que são, contudo, vagos e gerais, como *splendor*, *nitor*, *ornamentum*, *munditia*, *amplitudo*, *commoditas*, *artificium*...

Assim quando Piccolomini diz que o palácio ducal (*Hofburg*) é uma construção sumptuosa, cujos custos são difíceis de imaginar, esse juízo estético funciona como um *placeholder* para os traços concretos do edifício em causa. No entanto, a par de generalidades como amplos salões, salas de jantar e quartos, o autor menciona a existência nesse palácio, das *Stube*, ou seja, de quartos ou salas dotados de aquecimento para fazer frente aos rigores do inverno – uma característica da arquitectura civil germânica.⁸ Essa mesma dualidade de expressão entre o impreciso e o concreto, nota-se também a respeito dos edifícios religiosos. Ao dizer que os edifícios são construídos em silhares de pedra (*quadratus lapis*) e que têm várias abóbadas ou que apresentam uma enorme variedade de ordens de colunas, supomos que se refira ao gótico, mas a expressão não nos permite individuar tais edifícios.⁹ Também a catedral de Santo Estêvão apresenta rica decoração, relíquias e o esplendor das vestes sacerdotais: elementos que, mais uma vez, deixam os edifícios na penumbra da generalidade. Contudo, Piccolomini refere a sua torre que além da técnica que exhibe, ergue-se a uma altura incrível – e aqui, sim, estamos perante um traço claro do gótico

⁷ Cf. *Historia Austriacalis*, p. 251 s. Para a alusão a Thomas Ebendorfer nas palavras *aliqui nostri temporis historici* ver nota de Wagendorfer, p. 252, n. 56.

⁸ *Ibidem*, p. 257.

⁹ Para os edifícios religiosos, cf. *ibidem*, pp. 259 e 261 s. Claro que a nomeação de cada um desses edifícios nos permite desfazer as dúvidas, mas aí estamos a suprir as limitações do texto.

germânico.¹⁰ Outro traço arquitectónico concreto é dado a respeito das casas privadas (cuja descrição o narrador insere, estranhamente, no meio desta parte dedicada à arquitectura religiosa): notáveis pela sua magnificência e comodidade, mas também pelo facto de a maior parte apresentar construção em altura até ao terceiro piso bem como caves que servem de adega.¹¹

Além destes aspectos arquitectónicos, é característica desta descrição de Viena uma insistência em aferir a realidade por indicadores estatísticos. Assim, Piccolomini informa-nos que o número de fiéis que comungam cada ano na catedral atinge os 50000;¹² que o rendimento do dízimo sobre o vinho vendido na cidade rende ao erário 12000 áureos;¹³ que o meio áureo de imposto na alfândega para cargas de vinho transportadas pelo Danúbio rendia 40000 áureos húngaros por ano;¹⁴ que as vindimas se estendiam por 50 dias e que, nesse período, entravam diariamente em Viena trezentos carros carregados com uva pisada, transporte em que trabalhavam 1200 cavalos;¹⁵ enfim, que os rendimentos do reitor da catedral de Viena eram de 4000 áureos húngaros.¹⁶

¹⁰ *Ibidem*, p. 259. É um pouco exagerada a afirmação de Isabella Nuovo segundo a qual Piccolomini desloca a ênfase da arquitectura pública para a arquitectura eclesiástica, onde “il primato dell’elemento metafisico è visivamente tradotto dal *templorum ingens ornatus divesque suppellex*” (*Esperienze di viaggio...*, p. 102).

¹¹ Piccolomini, *Historia Austriacalis*, p. 261, ll. 1-9. Neste ponto o texto da segunda redacção fazia-se notar pelas suas considerações técnicas mais pormenorizadas, na medida em que o autor referia que as casas vienenses possuíam janelas de vidro; que usavam madeiras em vez de pedra (o que para o seu gosto italianizante era, mais uma vez, uma deficiência); que estavam dotadas de amplos estábulos; que possuíam entradas amplas (*ibidem*, p. 256, l. 4 – p. 258, l. 10.)

¹² Assim o texto da terceira redacção: *eucharistie sacramentum apud sanctum Stephanum plus quinquaginta milibus hominum singulis annis accipere fama est* (*ibidem*, p. 263). No texto da segunda redacção esse número é dado expressamente como estimativa da população (*ibidem*, p. 272). Na realidade, Viena contava, por esse tempo, com 20000 a 25000 habitantes (cf. nota de Wagendorfer *ad loc.*).

¹³ Cf. *ibidem*, p. 275.

¹⁴ Cf. p. 275. Ainda que a realidade esteja bem longe desse número, segundo informa Wagendorfer, *ad loc.*, n. 96.

¹⁵ Cf. p. 275.

¹⁶ Cf. p. 261.

Já não como indicador estatístico mas documento da vitalidade religiosa da cidade e da visibilidade dessa vitalidade no tecido urbano, Piccolomini apresenta um catálogo dos mosteiros, igrejas e hospitais da cidade.¹⁷

A mesma tentativa de decifração da realidade (mesmo que sujeita a equívocos) observa-se na descrição das instituições de governo da cidade e do sistema jurídico em vigor entre os Vienenses.¹⁸ Neste último aspecto, a imagem resultante é a de um rigor arcaico. Com efeito, afirma Piccolomini que não há direito escrito e que alguns crimes são punidos com o maior rigor: caso do furto que é punido com morte, e do adultério, punido – muito raramente, comenta Piccolomini –, com afogamento.¹⁹ Tais observações são desmentidas, nomeadamente, pela existência de um código de direito civil do final do séc. XIII, coligido por iniciativa de particulares, mas que terá adquirido progressivamente estatuto oficial – enfim, um erro ou um desconhecimento, que não uma distorção, de Piccolomini.²⁰

Passemos agora à outra vertente, a do letrado (ou poeta como Piccolomini gostava de se intitular), satírico, que se evidencia na imagem da Universidade de Viena: os mestres principais – Heinrich Heimbuch, Thomas Dinkelsbühl e Thomas Ebendorfer – são teólogos de formação parisiense;²¹ os alunos perdem o seu tempo no estudo da dialéctica, descurando a música, a retórica e aritmética;²² raros são os que possuem livros de Aristóteles e de outros filósofos, pois ainda se servem de comentários.²³ Pior do que esse sistema de ensino medieval (sinal de atraso para o humanista Piccolomini), é a imagem da vida estudantil desregrada e até mesmo violenta: estudantes dados ao prazer, ao vinho e à bebida, vagueiam de noite pela cidade; agriem os

¹⁷ *Ibidem*, p. 265, ll. 3-5.

¹⁸ Sobre o governo da cidade, ver p. 273. Piccolomini simplificou a estrutura política e administrativa da cidade: nomeia apenas o Conselho (*Rat*), o Burgomestre (*magister civium*) e o juiz da cidade (*Stadtrichter*) e um cobrador de impostos sobre o vinho (*Ungelter*).

¹⁹ Cf. *ibidem*, p. 273.

²⁰ Cf. nota de Wagendorfer, *ibidem*, p. 280, n. 121.

²¹ *Ibidem*, p. 267 s.

²² *Ibidem*, pp. 269-271.

²³ *Ibidem*, p. 271.

cidadãos; suscitam rixas que evoluem para confronto de armas – para o que muito contribui a ousadia das mulheres, que gozam de tal liberdade que podem andar por onde querem e falar com quem querem.²⁴

De acordo com os preceitos do discurso demonstrativo que prevêem dois sentidos opostos, louvor ou deprecação, a descrição de Viena assume neste ponto o carácter de uma invectiva sobre a vida universitária – carácter que se acentua em toda a parte final, relativa aos costumes. De facto, a parte final é dedicada quase exclusivamente ao abastecimento da cidade cujo funcionamento como um organismo regido pelo excesso é moralmente reprovado pelo narrador.²⁵

Os Vienenses que no texto figuravam anteriormente como exemplos de religião e de justiça, são agora fustigados pela sua depravação. São frequentes as rixas entre cidadãos e forasteiros de que resultam, não raro, homicídios, dada a inércia dos circunstantes e ineficácia dos magistrados em dissuadir esse tipo de criminalidade.²⁶ A dimensão excessiva da criminalidade é visível na imagem usada pelo narrador: cadáveres espalhados chão com que se depara alguém que percorra a cidade pela manhã de um domingo ou dia santo. A distorção hiperbólica da cidade contradiz o que Piccolomini anteriormente dissera sobre o rigor da justiça entre os Vienenses.

O retrato da vida boémia prossegue com a alusão às tabernas que em Viena se confundem com as casas privadas, visto que cada cidadão pode vender a retalho em sua própria casa o vinho da sua produção.²⁷ Mais uma vez, Piccolomini carrega no tom satírico ao descrever um ambiente onde proliferam vícios e pessoas suspeitas que os proprietários, na qualidade de taberneiros, atraem a suas casas: prostitutas, alcoviteiros aí bebem, divertem-se, envolvem-se em rixas, até esgotarem o vinho da adega.²⁸

A esta imagem boémia da cidade, segue-se um retrato de uma *plebs* caracterizada por um baixo nível civilizacional: não tem em vista mais

²⁴ *Ibidem*, p. 271.

²⁵ *Ibidem*, p. 273.

²⁶ *Ibidem*, p. 277.

²⁷ Sobre as condições dessa venda ver Wagendorfer *ad loc*, *ibidem*, p. 276 n. 111 e p. 277, n. 98.

²⁸ *Ibidem*, pp. 277-279.

do que satisfazer as necessidades básicas; trabalha a semana inteira, mas, em dia de festa, despende tudo o que ganha e vagueia, com o seu ar desarranjado, por toda a cidade.²⁹

Ao desregramento da comida soma-se o desregramento amoroso e sexual, que se observa particularmente nas mulheres de todas as idades:

É enorme o número de meretrizes; as matronas não têm em pudor o que têm em beleza; as moças escolhem normalmente os seus homens às escondidas dos pais; as viúvas casam-se ainda durante o luto; famílias antigas são poucas; raros na cidade os cidadãos cujos antepassados sejam conhecidos da vizinhança, quase todos são residentes ou recém-chegados. Os homens de negócios abastados, já carregados de anos, casam-se com raparigas e, não vivendo por muito mais tempo, deixam-nas viúvas. Estas já avançadas em idade casam com rapazinhos e também estes sobrevivendo às suas mulheres procuram casamentos com jovens e dessa forma, estabelecido um círculo, os matrimónios dos ricos são em grande parte estéreis.³⁰

O universo feminino caracteriza-se por uma desordem passional, mas também pelo vício da cobiça. Dada a facilidade e a liberdade, concedida pela lei, de um testador dispor dos seus bens em favor da mulher, não faltam mulheres que, no intuito de “caçarem” heranças, seduzem velhos ou os maridos de outras.³¹ Não faltam mesmo os crimes passionais: mulheres que, por serem amantes de nobres, são espancadas por plebeus; plebeus que, por sua vez, são assassinados pelos nobres. Em

²⁹ *Plebs ventri dedita vorax, quicquid edbomada tota manu quesivit, id festo die absumit, lacerum et incompositum vulgus, iners et laboris impatiens passim tota urbe vagatur. (ibidem, p. 279)*

³⁰ *Scortorum maximus numerus, matronarum non ea pudicitia quae forma, virgines sepe sibi viros insciis parentibus deligunt, vidue intra tempora luctus ex arbitrio nubunt, vetuste familie admodum pauce, perrari in urbe cives, quorum avos vicinia norit, advene aut inquilini ferme omnes. Negociatores opulenti iam senio confecti puellas in matrimonium ducunt easque non diu postea viventes relinquunt viduas. Ille etiam aetate maiuscula adolescentulis nubunt et hi quoque superviventes uxoris iuvenularum connubia querunt eoque pacto re ducta per circum matrimonia divitum magna ex parte sterilia. (ibidem, p. 279)*

³¹ Ver *ibidem*, p. 281.

tudo, o móbil parece ser a *procacitas mulierum* que Enea mencionara anteriormente a propósito das frequentes rixas entre estudantes.

O final da descrição retoma a atitude inicial de observador, de etnólogo ou de historiador (em conformidade, aliás, com a *Landesgeschichte*) ao apresentar algumas instituições jurídicas:

Os juramentos que são públicos, observam-nos com firmeza; os que podem ser quebrados, pouco valor têm entre eles. Ao fim de algum tempo consideram como perda o dinheiro emprestado e avaliam-no com juramento; posteriormente infligem aos devedores danos pesados. Se o credor retirar benefício de uma coisa penhorada, isso não abate no capital. Às excomunhões da igreja dão-lhes valor na medida em que prejudicam o património ou o bom nome.³²

Na melhor das interpretações esta apreciação final contamina com ambiguidade a imagem dos Vienenses nas relações sociais, particularmente nas práticas financeiras do empréstimo onde, na opinião do narrador, imperam a arbitrariedade e a ganância.

Em suma, Piccolomini enveredou nesta última parte pela lógica de um catálogo de vícios e pela sátira misógina em detrimento do esforço de análise mais evidente na parte inicial do texto (mesmo com as limitações assinaladas). Que as jovens escolhessem o noivo sem consentimento do pai seria a exceção e não a regra;³³ que os casamentos por causa dos caçadores de heranças ou de paixões serôdias ficassem estéreis:³⁴ tudo isso entra no âmbito do que hoje se denominaria jornalismo sensacionalista ou imprensa dos *fait-divers*. É certo que alguns casos reais poderiam exemplificar alguns destes traços morais

³² *Iuramenta quae publica sunt, tenaciter observant; quæ negari possunt, parum in his momenti est. Pecuniam ad certum tempus mutuo dantes elapso termino detrimentum se passos aiunt idque iure iurando aestimant gravique damno afficiunt debitores. Ex re pignori obligata si quam creditor utilitatem exceptit, non detrahit sorti. Excommunicationes ecclesiae tanti faciunt, quantum vel pecuniae vel fame irrogant damni. (ibidem, p. 281)*

³³ Ver nota de Wagendorfer, *ad loc.*, *ibidem*, p. 278, n. 114.

³⁴ Novamente, o texto da segunda redacção é mais virulento no retrato da infidelidade e astúcia femininas: *mercatores divites senio confecti puellas in matrimonium ducunt easque brevi dimittunt viduas; ille inter familiares domesticos, cum quibus sepe consuetudinem adulterii habuerunt, iuvenes viros accipiunt. (ibidem, p. 278)*

da vida cidadina.³⁵ De uma forma geral, contudo, prevaleceu a verve satírica sobre o estilo “científico” anteriormente visto.³⁶

Disse acima que este dispositivo retórico da descrição também é trabalhado pela mão de autobiografista. Importa lembrar a importância da escrita autobiográfica em Piccolomini: está presente nas cartas, mas também na autobiografia escrita durante o papado, os *Commentarii rerum memorabilium sui temporis gestarum* ou ainda (quem diria?) em uma bula de retractação *In minoribus agentes* (de 1463), onde se encontra o célebre grito “aceitai o Pio, rejeitai o Enea!” (*Aeneam reiicite, Pium recipite*), um grito que dá livre curso a essa dilaceração autobiográfica.

Esta descrição de Viena não pode ser separada dessa escrita autobiográfica. Mais ainda: há nesse texto uma dimensão autobiográfica da cidade que deixa a sua marca, quanto mais não seja, em registo de denegação. Que a cidade tivesse ressonâncias autobiográficas já o demonstra a carta a Johann Vront de 1446, uns dez anos antes da *História da Áustria*, por altura da conversão moral que o levou à ordenação. Nessa carta louva o seu amigo por ter casado e assim ter abandonado os pecados da sua juventude e, acto contínuo, antecipa o pensamento do seu correspondente: “olha como o Enea é severo. Agora prega-me a castidade; em Viena e em Wiener-Neustadt falava-me de outra forma.”³⁷

³⁵ Ver e. g. nota de Wagendorfer *ad loc.* (*ibidem*, p. 278, n. 116).

³⁶ É difícil concordar com a opinião de Klaus Voigt, *Italienische Berichte aus dem spätmittelalterlichen Deutschland: von Francesco Petrarca zu Andrea de' Franceschi (1333-1492)* (Stuttgart: E. Klett, 1973), p. 114, segundo o qual o texto secundariza o respeito pela forma literária da descrição de cidades e pela consequente ordenação de tópicos preferindo, ao invés, deixar-se levar pela observação espontânea e atendo-se à ligação interna dos temas e objectos que se apresentam. Mas que observação espontânea é esta que faz de Viena uma cidade de crime, devassidão e desregramento?

³⁷ *Ecce quam severus est Eneas. nunc mihi castitatem predicat, in Vienna et in Nova civitate aliter mecum loquebatur.* (Rudolf Wolkan, *Der Briefwechsel des Eneas Silvius Piccolomini: II. Abteilung: Briefe als Priester und als Bischof von Triest (1447-1450)* (Wien: Alfred Hölder, 1912), ep. 6, a Johann Vront, Viena, 8 de Março de 1446, pp. 30 s).

Depois desta descrição de Viena de carácter introdutório à *História da Áustria*, as cidades italianas que surgem ao longo do itinerário de Frederico III na sua viagem de coroação a Roma são as mais importantes. O enquadramento é duplamente diferente: por um lado as cidades italianas não são apresentadas no quadro de uma introdução; por outro, deixámos o território *estrangeiro* para entrarmos no território *próprio* do narrador. Como veremos ambos os factores terão consequências na descrição das cidades.

A narrativa do itinerário de viagem de Frederico III a Itália tem início no momento em que atravessa a fronteira da Áustria, pela Caríntia, em direcção à *Terraferma veneziana*. A primeira cidade que surge nesse itinerário imperial pela Itália de meados do séc. XV é Bolonha. Depois de um resumo da sua história medieval e da sua situação geográfica, o narrador refere-se ao florescimento dos estudos e das letras, vantagem que, aliada à sua localização geográfica, tornaria a cidade próspera não fosse o facto de os seus cidadãos se dilacerarem continuamente em guerras civis.³⁸ E como exemplo dessa discórdia civil endémica, conta a história dos assassinios perpetrados por membros da família dos Canetoli sobre os Bentivoglio e respectivas vinganças. De um desses lances, aliás, apresenta os pormenores: quando Battista Canetoli mata à traição Annibale Bentivoglio, os partidários deste último lançam mão de Canetoli; chacinam-no em pleno fórum e, por fim, abrem-lhe o peito e arrancam-lhe o coração que, “à maneira de animais selvagens despedaçam com os dentes”.³⁹ O episódio, engrandecido até nos seus contornos mais sinistros, será repetido mais tarde no seu tratado *De Europa*.⁴⁰ Se o intento de Piccolomini era, como se verá em seguida,

³⁸ *Ibidem*, pp. 529-30.

³⁹ O episódio está muito distorcido em Piccolomini: Annibale Bentivoglio foi morto não por Battista, mas sim por Baldassarre Canetoli; este, por sua vez, foi capturado apenas três anos depois e enforcado no mesmo local do crime. Sobre os pormenores reais do assassinio ver Antonio Ivan Pini, “«Non tam studiorum mater quam seditionum altrix»: Pio II e Bologna. Pio II a Bologna,” in Arturo Calzona (et al. edd.), *Il sogno di Pio II e il viaggio da Roma a Mantova: atti del Convegno internazionale, Mantova, 13-15 aprile 2000* (Firenze: L.S. Olschki, 2003), pp. 179-201.

⁴⁰ *De Europa*, LIII, 196 (ed. A. van Heck, Città del Vaticano: Biblioteca Apostolica, 2001, p. 210).

apresentar a Itália contemporânea, Bolonha assim retratada não era um bom cartão-de-visita para o Imperador. É possível, no entanto, que o motivo dessa apresentação depreciativa seja algum episódio autobiográfico desfavorável.⁴¹

No itinerário do Imperador a próxima etapa seria Florença, em cujo território estava previsto que aportasse a sua noiva, a infanta D. Leonor. Não obstante, a tradicional conflituosidade entre imperadores e a cidade do Arno – que o narrador menciona ao referir as opiniões dos conselheiros que sugeriam outro caminho⁴² – a chegada da sua noiva era mais uma razão para que Frederico III desejasse ver, com os seus próprios olhos, o que a fama lhe fazia chegar aos ouvidos sobre tal cidade

conhecida em todo o mundo, detestada e inacessível a todos os seus antecessores, que tinha resistido a vários imperadores e posto em fuga vários exércitos. Tinha ouvido dizer que era uma cidade esplêndida, magnificamente edificada; que aí se faziam roupas tecidas em seda e ouro; que nela se podiam encontrar pintores notáveis, fundidores e escultores singulares, e que todas as artes mecânicas floresciam entre os Florentinos.⁴³

Frederico III atravessou então os Apeninos e a cidade é, nesse momento, apresentada sob o ponto de vista do Imperador e da sua comitiva postados no alto de uma colina sobranceira à cidade:

A cidade vastíssima, com a imponente envergadura dos seus muros, com as suas várias torres, as igrejas amplíssimas, os seus palácios soberbos, com os seus edifícios públicos e privados construídos segundo o mais alto padrão de magnificência régia, ao aparecer assim no seu conjunto deixou todos boquiabertos. Além disso eram tantos os palácios nos seus arredores, tantas as povoações, tantos e tão próximos os municípios, castelos de nobres, mosteiros para pessoas

⁴¹ Cf. Pini, “«Non tam studiorum...»” p. 191.

⁴² O momento de decisão e consulta é narrado, quando a comitiva imperial ainda estava em Ferrara (Piccolomini, *Historia Austriacalis*, p. 535 s).

⁴³ *Ibidem*, p. 536.

devotadas à religião, que todo o vale que se estende do monte de Fiésole à província de Pistoia parecia uma só cidade.⁴⁴

Tal descrição ecoava, sem dúvida, a entusiástica e idealizada *Laudatio florentine urbis* de Leonardo Bruni. Porém, fazia-o sacrificando alguns elementos, nomeadamente a parte política. Piccolomini exalta a beleza na mesma medida em que oculta o entusiasmo de Bruni pela cultura política e institucional florentina. Confirma essa parcialidade o elogio do narrador que, por meio do recurso à focalização interna, desvela os pensamentos da comitiva alemã ao entrar na cidade: que a beleza da cidade tinha sido julgada divina; que a veste de homens e mulheres era o mais fina que se pode imaginar; que os homens mostravam eloquência e gravidade enquanto as mulheres se notavam pela beleza e modéstia.⁴⁵ Em suma, um estereótipo que evita aventurar-se no terreno do retrato político ou histórico da cidade.

Não obstante essa beleza que convidava a uma demora na cidade, o Imperador prosseguiu viagem, com rumo a Siena onde aconteceu o ansiado encontro com a sua noiva, D. Leonor de Portugal.⁴⁶

Se Florença fora apresentada com o vocabulário estético habitual neste tipo de textos, pelo contrário, a cidade de Siena é apresentada com linhas mais precisas e com mais entusiasmo: ou não estivesse em causa a cidade-natal de Piccolomini. Mais uma vez a descrição é apresentada do ponto de vista da comitiva alemã e depois da cerimónia de encontro de Frederico III com a sua noiva, às portas da cidade:

Muito agradou à comitiva alemã aquela cidade que, assim situada no cimo de montes, apresenta um aspecto encantador. Aí se podem ver muitos palácios de uma magnificência régia e basílicas ricamente ornadas; a igreja principal, dita *Duomo* da Virgem Maria, que ultrapassa sem dúvida todos os edifícios da Itália, pois, apesar de não ser tão larga, as suas partes integram-se tão bem no todo que

⁴⁴ *Ibidem*, p. 551.

⁴⁵ *Ibidem*, p. 552.

⁴⁶ *Ipse quoque parumper Florentiae moratus, donec egregias aedes Cosmi de Medicis coeterasque splendidae urbis structuras ac universali populi magnificentiam spectaret, salutatu senatu Senas profectus est. (ibidem, p. 561)*

fica a impressão de que nada falta para se considerar perfeita.⁴⁷ O seu tecto é revestido de chumbo branco, as suas abóbadas, donde pendem círios decorados com flores multicoloridas, são altíssimas. Os altares são ornadíssimos, as vestes dos sacerdotes sumptuosas; as relíquias de santos são muitas (e únicas no mundo), revestidas de prata, ouro e várias pedras preciosas; as colunas são de mármore; as pinturas são nobres, as esculturas como se fossem de Fídias ou Praxíteles; o coro está ornado com a técnica do embutido;⁴⁸ os vitrais são esplêndidos. O pavimento que narra histórias antigas por meio de figuras desenhadas, quanto mais é calçado, tanto mais luzidio se torna. Nada se iguala à arte dos portais e da própria fachada, a que chamam a face da igreja. Tantas estátuas de cavalos, de homens e de anjos ali se vêem; tantos zimbórios se erguem ao céu. Na parte mais alta da fachada resplandece um mosaico. Pedra mármore de diferentes cores reveste todo o templo; para os sinos foi construída uma alta torre com mármore de duas cores, branco e negro.⁴⁹

⁴⁷ Note-se a convergência deste passo com os ideais de beleza definidos no tratado de arquitectura de Alberti, publicado nessa mesma década: “A beleza é a concinidade, em proporção exacta, de todas as partes no conjunto a que pertencem, de tal modo que nada possa ser adicionado ou subtraído, ou transformado sem que mereça reprovação.” (*Da arte edificatória*, VI, 2, tradução do latim de Arnaldo do Espírito Santo, introdução, notas e revisão disciplinar de Mário Júlio Teixeira Krüger, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011, p. 377.)

⁴⁸ O texto diz *tesselatus chorus arte mirabili*. No aparato crítico outra lição acrescenta *quem Tarsiacam vocant*, ou seja, trata-se daquilo que, em italiano, se designa por *arte dell'intarsia*.

⁴⁹ *Plurimum ea civitas iuventuti Germanicae placuit, quae sita in montibus amenum prospectum habet. Multa ibi palatia ad regiam fastigiata magnificentiam cernuntur, basilicae admodum ornatae, principale templum, quod beatae Mariae virginis domum vocitant, procul dubio cunctis Italiae praeferendum aedificiis iudicatur, quamvis non est ingentioris latitudinis, verum ita partes universo suo conveniunt, ut nihil ad rem perfectam possit desiderari. Tectum plumbo albo coopertum, fornices sublimes, cerei floridi plurimorum colorum ex illis pendent. Altaria ornatissima, sacerdotum vestimenta pretiosa, sanctorum multae et singulares reliquiae argento, auro variisque lapidibus vestitae, columnae marmoreae, picturae nobiles, sculpturae, quales vel Phydiae credas vel Praxitelis, tesselatus chorus arte mirabili, fenestrarum splendentia vitra. Pavimentum marmore figuratum vetustas historias referens quo magis calcatur, eo lucidius redditur. Portarum artificio et ipsius frontis, quam vocant templi faciem, nihil equandum existimes. Opus quoque mosaicum in frontis parte sublimiori resplendet, lapis marmoreus diversi coloris*

A cidade desdobra-se assim na sua monumentalidade. Mas em seguida, o narrador nota os edifícios circundantes: o Baptistério de S. João e o Ospedale de Santa Maria della Scala cujas funções diversas no domínio da assistência social são elogiadas.⁵⁰ Não fosse essa ressalva e a cidade pareceria reduzida a um objecto visual oferecido à visão de um espectador que é a comitiva alemã. Aliás, e para acentuar esse fascínio pelo lado icónico da cidade, o lado humano de Siena é descrito tangencialmente e como se fosse para dar a imagem de uma população *tourist friendly*.⁵¹ Mesmo assim o contraste com Viena é total: as mulheres são as mais belas de Itália, doces e agradáveis para os que as amam, tanto quanto o pudor o permite.⁵²

Contudo, o clímax deste itinerário italiano foi a chegada a Roma, como se pode ver aliás pelo momento da narrativa em que Frederico III e a sua comitiva contemplam os vários monumentos da cidade a partir

templum omne convestit, ad usum campanarum excelsa turris nigro et albo constructa lapide. (ibidem, p. 583 s)

⁵⁰ *In ecclesiam, quae universae supereminet urbi, per gradus introeas. Sub ea divi Iohannis non parvum sacellum et nobile baptisterium, ita ut templum templo superedificatum magno sumptu, maiori ingenio recognoscas, cui xenodochium e regione correspondet toto orbe memorandum, in quo peregrini, mendicique debilesque, undecunque veniant, recipiuntur alunturque, pueri expositi nutriuntur, masculi ad artificia, quae discere videntur idonei, mittuntur. Elemosinarum omne genus illic exercetur. (ibidem, p. 584)*

⁵¹ A esse respeito, o narrador ora recorre à focalização interna, apresentando a população como os alemães a veriam, ou como seria do seu agrado; ora, adianta o seu próprio comentário: *Populus urbis quietus et advenarum amans voluptati omnibus erat. Maxime autem foeminarum genus placidum his videbatur. Nam civitas Senensis speciosissimas mulieres habet, inter quas semper aliquas invenies, quae formae venustate cunctas Italici generis foeminas superent. Sunt insuper puellae ac matronae Senensium laetae et, quantum pudicitia fert, benignae ac iocundae amantiibus. (ibidem, p. 585)*

⁵² *Nam civitas Senensis speciosissimas mulieres habet, inter quas semper aliquas invenies, quae formae venustate cunctas Italici generis foeminas superent. Sunt insuper puellae ac matronae Senensium laetae et, quantum pudicitia fert, benignae ac iocundae amantiibus (ibidem, p. 585).* O respeito que as mulheres de Siena impõem é visível no episódio em que os portugueses da comitiva de D. Leonor se juntam a um baile no Campo. A atitude insolente dos portugueses, que ameaçava perturbar os castos costumes da Toscana, teve como resposta a saída imediata das donzelas e matronas senenses (cf. *ibidem*, p. 586).

do Monte Mario: Castel Sant'Angelo (*castrum Crescentii*) e o túmulo de Adriano, as ditas metas de Rómulo e Remo (na realidade, a primeira era uma pirâmide outrora situada nas proximidades do Vaticano; a segunda, a Pirâmide de Céstio), o Panteão, o Coliseu, o Campidoglio, o bairro das Esquílias, o Aventino, Latrão. O narrador diz que Frederico III, como bom turista, perguntava o nome de tudo e dizia que a cidade não era inferior à sua fama.⁵³

Já depois de realizados os rituais de recepção de um imperador em Roma, Frederico III, contra a opinião popular de que passar para a margem esquerda do Tibre era um sacrilégio, fez questão de visitar a cidade. Diz o narrador que o Imperador, “enquanto examinava cada uma das maravilhas da cidade, não encontrou apenas monumentos e ruínas antigas dignos de serem admirados, mas também as novas obras do Sumo Pontífice o deixaram estupefacto.”⁵⁴ Este tributo à modernização de Roma iniciada por Nicolau V é surpreendente tendo em conta que, posteriormente, Piccolomini não só expressou dúvidas em relação ao projecto nicolino de recuperar a cidade como até criticou a fúria empreendedora do Papa Parentucelli.⁵⁵

Anteriormente, o narrador também apresentara as cidades do ponto de vista dos interesses de Frederico III e da comitiva alemã. Aqui, com a vista panorâmica sobre Roma, essa focalização indirecta é ainda mais

⁵³ Cf. *ibidem*, p. 590.

⁵⁴ *At dum cuncta rimatur urbis miracula, non solum vetera, quae laudaret, sed nova quoque, quae stupenda diceret, Romani pontificis opera reperit. Nanque ut priscorum caesarum moles totius orbis structuram superant, sic aedificia Nicolai papae, quicquid ubique est hodierni laboris, excellunt et, quamvis caesar ipse optimus architectus sit, a Nicolao tamen se superatum invenit, in cuius operibus neque artis aut pretii quicquam desideres* (*ibidem*, p. 600). Quanto ao facto de Frederico III ser um “ótimo arquitecto,” trata-se de uma lisonja que não é confirmada pela historiografia.

⁵⁵ Para a primeira atitude ver a opinião no *Dialogus*: “Não entendo o que quer dizer “Roma restaurada,” quando a vemos dilacerada e caída por todos os lados” (*non intelligo quid sibi uelit Roma restaurata, cum scimus laceram esse et omni ex parte iacentem*), texto citado pela edição: *Dialogus*, herausgegeben von Duane Henderson (Hannover: Hahnsche, 2011), p. 28; para a segunda, ver a opinião lapidar expressa nos *Commentarii*: “recuperou com magnificência os edifícios da cidade, ainda que tenha iniciado mais obras do que acabou.” (*urbis aedificia magnifice instauravit, etsi plura inchoatavit, quam perfecit*, ed. cit., I, 28, p. 152)

justificada. O soberano, que será consagrado pelo Papa e que receberá ao mesmo tempo uma jovem princesa como sua mulher, estava por certo diante de um momento alto da sua vida. Contudo, mesmo na boca de um imperador, a opinião acerca da grandeza de Roma parece uma daquelas ingenuidades de turista. É que a nova Itália, as novas cidades, as realizações artísticas mais recentes e arrojadas tinham ficado para trás, em Florença, em Siena. Seria o turista Frederico III sensível a essas linhas de fronteiras históricas e urbanísticas? Seguramente que não. Terá sido antes o narrador que, na sua focalização, emprestou a Frederico a informada e criteriosa apreciação da realidade urbana da Itália recente – o que se confirma, aliás, pelo episódio do passeio pela cidade.

As cidades apresentadas no itinerário de regresso do Imperador não oferecem descrições comparáveis.⁵⁶ Porém, as descrições analisadas mostram-nos com bastante clareza que estamos perante um reconhecimento da Itália contemporânea; reconhecimento que é feito concomitantemente e já sob alguma influência de um projecto semelhante da autoria de Biondo Flavio, em uma obra que se encontra em redacção por estes anos.⁵⁷ Neste reconhecimento a vertente política ou cultural da cidade foi redimensionada para ampliar, em seu lugar, a paisagem que se presta à ávida visão da comitiva alemã. Não há, porém, no texto de Piccolomini, um debate sobre a moderna cultura italiana que se evidenciava, nomeadamente, no seu esplendor urbanístico. E, contudo, o debate existiu no séc. XV italiano, conforme se pode ver na *Italia illustrata* de Biondo, nos *Dialoghi ad Petrum Paulo Histrum* de Leonardo Bruni ou em Alberti⁵⁸.

⁵⁶ A comitiva imperial passou novamente por Florença. Nessa altura, Carlo Marsuppini pronunciou um discurso em resposta às propostas de paz na Itália feitas pelo Imperador – ocasião que serve ao narrador para elogiar unidade de cultura e política de que os chanceleres florentinos eram exemplo (*ibidem*, p. 659). Houve ainda uma passagem por Ferrara de que ficamos a saber exclusivamente as imoralidades da família d'Este (*ibidem*, p. 656 ss); e, por último, uma passagem por Veneza em ambiente festivo (*ibidem*, p. 659ss).

⁵⁷ Pelos anos de 1450-1453: cf. Biondo Flavio, *Italia illustrata*, edizione critica, introduzione e commento a cura di Paolo Pontari (Roma: Istituto Storico Italiano per il Medio Evo, 2011), pp. 52-7.

⁵⁸ Em relação a Alberti notem-se as reacções pendulares perante o progresso. Por um lado, a sua carta ao arquitecto da cúpula de Santa Maria del Fiore, Filippo

A descrição das cidades italianas do itinerário de Frederico III constitui, portanto, um enriquecimento ficcional da forma tradicional do elogio de cidades. Ao apresentá-las pela focalização de Frederico III e da sua comitiva, Piccolimini ficcionou-as como território estrangeiro que não eram. Na verdade, esse itinerário é uma exaltação da vitalidade cultural da Itália que antecipa o itinerário de Roma a Mântua descrito, mais tarde na autobiografia, os *Commentarii*, onde também são apresentadas as cidades de Siena, Florença, Bolonha (entre outras) segundo a progressão de Pio II através da Itália.⁵⁹

Mas seja a descrever Viena, uma cidade estrangeira, seja a descrever Siena, Florença ou Roma, cidades pátrias, as qualidades ficcionais, literárias, e as qualidades referenciais, objectivas da sua escrita resultantes de uma atitude de investigação ou curiosidade não se anulam mutuamente.

Brunelleschi, elogia a obra como uma superação dos modelos anteriores, o que indica que via nesse arrojo arquitectónico uma prova da existência de progresso cultural (cf. Christine Smith, “Originality and Cultural Progress in the Quattrocento. Brunelleschi’s Dome and a Letter by Alberti,” in *Rinascimento*, s. II, 28, 1988, pp. 291-318); por outro lado, Alberti emitia juízos bastante críticos a respeito do fervor de renovação urbanística italiana: “Digo apenas isto: em Roma, por estes dias, observámos acima de dois mil e quinhentos edificios sagrados, apesar de mais de metade deles terem ruído. O que significa aquilo que vemos: que à porfia toda a Itália se renova. Quantas cidades, que agora são de mármore, víamos, quando éramos crianças, totalmente construídas de tábuas! (Alberti, *Da arte edificatória*, VIII, 5, p. 529); cf. também a seguinte lamentação a respeito do destino dos monumentos antigos: “não sem lágrimas via eu que esses monumentos iam sendo destruídos dia a dia; e que os construtores, que nestes tempos edificavam, se deleitavam mais com novos delírios dos seus disparates do que com os princípios mais do que provados de obras reconhecidíssimas.” (*ibidem*, VI, 1, p. 374)

⁵⁹ Cf. *Commentarii rerum memorabilium sui temporis gestarum*, livros II-IV, ed. de Luigi Totaro (Milano: Adelphi, 2008).